

ASPECTOS GENÉTICO-ANTROPOLÓGICOS DE UMA COMUNIDADE KAINGANG

(Paraná-Brasil)

por MARÍA JÚLIA POURCHET.

SUMMARY

Systematic investigations in Physical Anthropology among Brazilian Indians are rare; nevertheless, in the midst of this scarcity of data, the Kaingang group may be considered privileged, as it has had the preference of some investigators. For example, among the bibliography of the Kaingang there are to be found: data concerning blood types, types of hemoglobin for the Kaingang of the Rio Grande do Sul, data in reference with the digital and palm dermatoglyphs, miocytic psychodiagnostic, application of tests, etc.

The author of this work, together with Dr. Loureiro Fernandes, relying on soro-anthropological data and a genealogical criteria which had been compiled since 1939 by Fernandes among the Kaingang of Palmas, southwest of Paraná, have revisited that group and observed their various descriptive, physiological and anthropological characteristics. This investigation brought forth data of extreme importance such as the one published here.

Os Kaingang, outrora conhecidos como Coroados ou Guainá, pelas últimas estimativas do Serviço de Proteção aos Índios, citadas por Darcy Ribeiro, se contam entre 3 a 4 mil, sendo um dos maiores grupos do sul do país. São considerados *integrados*, isto é, inteiramente dependentes da sociedade nacional e sofrendo uma profunda descaracterização cultural e mesmo linguística, mas continuam, entretanto, praticando sua língua original. Esta integração é em verdade uma forma de acomodação, com as alternativas de um lado, de certo grau de conservação dos atributos culturais tribais, e de outro, a crescente participação "soi-disant" na vida econômica e no comportamento da sociedade nacional.

Do grupo linguístico Gê são, entretanto, bilíngues, bilinguismo este que é tanto mais perfeito quanto mais nova é a geração que o pratica. Os jovens e as crianças entendem os pais na língua nativa e falam o português, porque se fal necessário. A antiga denominação de *Coroados*, pelo fato de cortarem o cabelo em coroa, como os franciscanos, não lhes agradava o que já Frei Luís de Cemitille observara em 1879; por isso se chamaram de Kaingang, que quer dizer *índio, aborígene, filho da terra*. Desde 1879, portanto, com as citadas referências de Cemitille, já eram objeto de observação e relato de cronistas e missionários.

Teschauer (1906) e Telêmaco Borba (1908), publicaram, o primeiro em "Anthropos", e o segundo em "Revista do Museu Paulista", notas sobre os Kaingang, do Rio Grande do Sul e do Paraná, respectivamente.

Ploetz et Mètraux, em 1930, comentaram em publicações dados sobre a civilização material, vida social e práticas religiosas dos índios Gê do Brasil Meridional, e Baldus (1935 e 1937) dava à publicidades dados linguísticos e etnológicos sobre os Kaingang do Paraná. Maior abundância de dados, porém, sobre um dos grupos, justamente o de Palmas, de que hoje falaremos, foram as publicadas por Loureiro Fernandes in "Revista do Museu Paranaense" (1939), quando iniciou sua série cíclica de visitas aos Kaingang de Palmas, o que lhe vale hoje ser a maior autoridade no que se refere ao conhecimento dos mesmos.

E ainda Darcy Ribeiro em sua recente publicação (1957) que assinala as três divisões principais do grande grupo Kaingang: os do Estado de São Paulo, os únicos ainda isolados em 1900, e que foram pacificados em 1910 pelo S. P. I., somam, menos de 100 indivíduos e vivem no posto de Icatú. Os Kaingang meridionais (segunda divisão do critério de Darcy Ribeiro) que contam mais de um século de convívio com a civilização, vivem em diversos e numerosos postos e toldos do S. P. I., nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os Xókleng de Santa Catarina constituem a terceira divisão.

São reduzidas, reduzidíssimas as pesquisas sistemáticas de Antropologia Física entre indígenas brasileiros (veja-se Bastos de Ávila, em "Handbook of South American Indians" — Washington, 1950).

Dentro desta exiguidade de dados, porém, os Kaingang podem ser considerados privilegiados, pois têm gosado da preferência de alguns pesquisadores. Assim é que já se contam, entre a bibliografia Kaingang, dados referentes a grupos sanguíneos (sistema ABO, MN, P, Rh, Kell, Fator Diego), tipos de hemoglobina para os Kaingang do Rio Grande do Sul em pesquisa recente de Salzano (1961); dados relativos a dermatoglifos digitais e palmares recolhidos por Loureiro Fernandes e interpretados por Monique de Lestrangé (1954); sensibilidade a PTC, visão de cores e grupos sanguíneos por Loureiro Fernandes, Junqueira, Kalmus, Ottensooser, Pasqualini e Wishart (1957), psicodiagnóstico miocinético e aplicação de testes de Rorschach e Mira y Lopes, por Baldus, Ginsberg e Menezes (1947 e 1953).

Quanto às características morfológicas já foram estudadas por Salzano em 1961, as de duplo interesse para o antropologista e o geneticista e por Loureiro Fernandes e Pourchet (1955 e 1959) as que chamamos de "clássicas", e que serão mais minuciosamente tratadas nesta comunicação. As de Salzano vêm satisfazer aquele duplo interesse acima mencionado, já que os dois campos de Genética Humana e da Antropologia Física, depois de algumas dissensões e reservas, caminham para um feliz consórcio. Os dados de Salzano, para os Kaingang do Rio Grande do Sul, se referem à inserção do lóbulo da orelha, hiper-extendibilidade distal do polegar, direção da espiral do cabelo, pêlos nas falanges médias, tamanho do indicador em relação ao anular e ainda pesquisa de algumas características genéticas raras (polidactilia, albinismo e vitiligo).

Os Kaingang de Palmas, no sudoeste do Paraná, vivem no Posto Fioravante Esperança, do S. P. I., no chamdo Toldo das Lontras. Desde 1939 são visitados periodicamente por Loureiro Fernandes e em 1955 e 1959 por Fernandes e Pourchet, em excursão de estudos do Departamento de Antropologia da Universidade do Paraná.

Dados soro-antropológicos e um critério genealógico que nos foi possibilitado e facilitado graças ao fato de serem os Kaingang de Palmas uma comunidade pequena, muito conhecida por Loureiro Fernandes, que a visita desde 1939, e sob o controle do S. P. I., foram utilizados em 77 indivíduos dos quais 35 do sexo masculino e 42 do sexo feminino.

Os dados genealógicos inicialmente foram fornecidos pelos próprios índios, eram controlados depois por Loureiro Fernandes e pelos dados do posto do S. P. I.

Apurados estes dados, foi possível, de imediato, separar os indivíduos de cada sexo em dois grupos distintos: os por duas gerações eram Kaingang e que chamaremos de Kaingang puro (48,5% do total do grupo para o sexo masculino e 57,1% para o sexo feminino). Os outros que revelavam, pelo critério genealógico, interferência de elemento branco (português na maioria dos casos ou não-brasileiros e elemento negro ou já mulato). Passávamos então à observação de várias características descritivas, fisiológicas e antropológicas.

Para a pele e olhos, o adensamento se fez em torno dos tons branco-trigueiro e pardo-claro para a pele e castanho-escuro para os olhos.

O cabelo do tipo lissotrico na maioria, apresentou-se, entretanto, com tendência a ulotriquia em três indivíduos, nos quais, consultadas as genealogias, foi detectado o elemento negro. Quanto à cor, foi a típica do preto carregado a assinalada em todos os homens; nas mul-

heres tanto no grupo de *puros* como no de *não puros*, aparecem alguns casos de côr castanho-escuro.

A fenda palpebral não é de obliquidade acentuada, mas leve; a prega mongólica é frequente, mas também pouco acentuada.

A pilosidade rara ou nula nos homens Kaingang puros, apresentou-se, entretanto, normal ao sexo em três indivíduos do grupo não puro.

A pesquisa morfológica constou de numerosos dados: entre os cefalométricos os dois diâmetros cefálicos e a altura da cabeça, o perímetro cefálico, a capacidade crânica, os diâmetros biorbital interno e externo, altura e largura do nariz, altura morfológica e superior da face, diâmetro bigoníaco e altura bi-labial. Os demais se referem à estatura, grande envergadura, altura tronco-cefálica, diâmetros bi-acronial e bi-cristilíaco, perímetro torácico, pélvico e da panturrilha, comprimento total dos membros superior e inferior, comprimento da mão, comprimento e altura do pé.

A pesquisa de dados fisiológicos ficou a cargo de Loureiro Fernandes e se referiu a grupo sanguíneo (sistemas ABO e Rh) e mais pressão arterial, temperatura e número de pulsações. Infelizmente não me chegaram os comentários de Loureiro Fernandes sobre esses dados.

Os resultados de Loureiro Fernandes para os sistemas ABO e Rh foram:

ABO	Grupo Kaingang não puro
Grupo Kaingang puro	Grupo O — 83,11%
100% do Grupo O	Grupo A — 5,19%
	Grupo B — 11,68%
Rh	
Grupo Kaingang puro	Grupo Kaingang não puro
100% Rh positivo	100% Rh positivo

No espaço de tempo de uma comunicação não iremos comentar os resultados de todos os dados tomados, nem dos numerosos índices que foram calculados à base dos mesmos. Resumiremos, dizendo que os Kaingang de Palmas se apresentaram como *euencéfalos* (classificação de Sarasin) com valores intermediários para a capacidade crânica, pelo índice cefálico, são *mesocéfalos* (77.1% do sexo masculino e 78.6% do feminino) situando-se entre os indígenas brasileiros que apresentam tendência a alongamento da cabeça, com valores de *mesocefalia* não elevados que traduzem a bem dizer uma *subdolicocefalia*, o que dá uma grande peculiaridade ao grupo. *Hipsicéfalos* em 78.6%

dos casos, com alguns casos de ortocefalia e alguns de camecefalia entre as mulheres.

Leptoprósopos, mesenos, mesorrinos e mesognatas foi como se apresentou o grupo. A estatura de 162,5 e 151,2 para os dois sexos, respectivamente, coloca-os, pela classificação de Martin, como sub-medianos e pela de Brugsch como *normosômicos*.

A apreciação da grande envergadura que é significativa na caracterização de um grupo indígena, principalmente em sua relação com a estatura, revelou-se (na série masculina) maior que a estatura com a diferença média de 4,6 cm, e como consequência com um valor elevado para o índice crucial 102,5.

Para o índice cômico, nova denominação que Vallois propôs para o índice de Ginfrida Ruggeri, e que traduz a relação tronco-estatura são os Kaingang de Palmas metriocômicos (com 51,2 para o sexo masculino e 52,5 para o feminino) que exprimem um tronco médio. Não nos furtamos a ansiedade de calcular o índice rádio-pelvico, o conhecido e discutido índice de Lopicque, relação comprimento do rádio e largura da pelvis ou diâmetro bi-crista.

Para isto calculamos os valores médios para os grupos Kaingang puro e não puro e os resultados foram expressivos. 92,1 para os primeiros e 95,5 para os segundos (série masculina) e na feminina 83,0 para os puros e 88,4 para os não puros.

Na apreciação geral dos resultados obtidos parecem-nos lícitas algumas informações. Não obstante os numerosos contatos por mais de meio século com civilizados, em circunstâncias que poderiam até favorecer a mestiçagem com elemento negro e branco há em muitos caracteres físicos dos Kaingang de Palmas preponderância do tipo mongoloide, que foi revelada fartamente pela análise antropométrica.

Aqueles elementos étnicos mais típicos e menos plásticos de uma caracterização antropológica, evidenciaram-se claramente nas duas séries e o critério genealógico, que, parece-nos, foi pela primeira vez utilizado no estudo antropológico de um grupo indígena brasileiro, forneceu-nos dados particularmente interessantes para a pesquisa em questão.

O grupo Kaingang de Palmas, não obstante os contatos acima referidos, caracteriza-se típica e racialmente, como indígenas, com os caracteres inconfundivelmente mongolóides mais comumente mencionadas: tipo e côr do cabelo, fenda palpebral característica, côr da pele, etc.

Alguns elementos (poucos), mais frequentes entre as mulheres, que entre os homens, poderiam ser caracterizados pelo observador

desavisado como mestiços: caboclos mulatos ou cafusos — são justamente aqueles em que a pesquisa de dados genealógicos revelou um ou mais de um ancestral não Kaingang.

Foi, sem dúvida, este um dos aspectos mais interessantes de nossa pesquisa: a apreciação das pequenas diferenças que surgiram naqueles indivíduos em que as genealogias revelaram mestiçagem com elemento branco ou negro.

Deixamos de fazer comparações com outras séries indígenas, por falta de dados antropométricos seguros referentes a tribus do mesmo grupo linguístico.

O plano de pesquisa que iniciamos com Loureiro Fernandes sob os auspícios da Universidade do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, já agora com um critério genético-antropológico, aproveitando os excelentes dados de Salzano para os Kaingang do Rio Grande do Sul.

Urge, entretanto, a pesquisa, porque estão se cruzando com brancos e negros e é lamentável para nós, claro, que ao lado da descaracterização cultural e linguística se transforme daqui a pouco em autênticos caboclos ou cafusos.

BIBLIOGRAFIA

- CEMITILLE, Frei Luiz de: "Memória sobre os Índios Coroados ou Camés", in *Catálogo dos objetos do Museu Paranaense*, Curitiba, 1882.)
- TESCHAUER, P. C.: "Die Kaingang oder Coroados", *Anthropos*, 1906.
- BORBA, Telêmaco: "Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná", *Revista do Museu Paulista*, vol. VI, Curitiba, 1908.
- PLOETZ, H. et METRAUX, A.: "La civilization matérielle et la vie social et religieuse des indiens Gê du Brésil Meridional et Oriental", *Revista del Instituto de Etnologia*, da Universidade Nacional de Tucuman, Tomo I, 1930.
- BALDUS, Herbert: "Sprachproben des Kaingang von Palmas", *Anthropos*, Viena, 1935.
- *Ensaio de Etnologia Brasileira*, Coleção Brasiliana, vol. 101, São Paulo, 1937.
- LOUREIRO FERNANDES, J.: "Os Kaingang de Palmas", *Arquivos do Museu Paranaense*, vol. 1, p. 161, Curitiba, 1941.
- MENEZES, Cinira: "O psico-diagnóstico miocinético aplicado a índios Kaingang", *Revista do Museu Paulista*, vol. VII, São Paulo, 1953, p. 343.
- LEESTRANGE, Monique de: "Dermatoglyphes digitaux et palmaires de 47

indiens du Brésil", *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, Tome cinquième-X^e série, pp. 85-86, 1954.

LOUREIRO FERNANDES, J.: "Contribuição à Antropologia e à Hematologia dos Kaingang de Palmas", *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, vol. II, São Paulo, 1955.

RIBEIRO, Darcy: "Culturas e línguas indígenas do Brasil", *Educação e Ciências Sociais*, Ano II, vol 2, n. 6, Rio de Janeiro, 1957.

SALZANO, F. M.: "Estudos genéticos e demográficos entre os índios do Rio Grande do Sul", *Boletim do Instituto de Ciências Naturais*, n. 9, julho de 1961.

